



UNICAMP

P46.18

EVENTO: Carolyn Carlson
Bailarina e Coreógrafa
 VEÍCULO: JORNAL DO BRASIL
 DATA: 05 de maio de 1994
 PÁGINA: 10
 SEÇÃO: CADERNO B



A 'blue lady' da dança abstrata

Carolyn Carlson volta ao Brasil para mostrar poema em movimento

CARLOS HELI DE ALMEIDA

UMA das mais importantes estrelas da dança contemporânea mundial, a bailarina e coreógrafa Carolyn Carlson, desembarca no Rio na próxima semana para uma curta temporada no Teatro Municipal. Nos dias 12, 13 e 14 de maio, o público carioca vai poder conferir, pela primeira vez, o trabalho desenvolvido por essa californiana de 50 anos que, ainda nos anos 70, trocou a terra natal por Paris por razões estilísticas — os americanos, segundo ela, se preocupam mais com a técnica do que com o conteúdo. Mas não é a primeira vez que essa discípula de Alwin Nikolais, mestre da dança abstrata, pisa em solo brasileiro.

Em 1987, Carolyn Carlson, um dos principais nomes da Ópera de Paris, apresentou a coreografia-solo *Blue lady* (a mesma que o carioca vai assistir no Municipal), para os espectadores paulistanos e mineiros da primeira edição do festival Carlton Dance. Na bagagem, a artista levou mais coisas do que a lembrança da ótima acolhida do público. "Voltei daquela viagem com a mala cheia de pedras e cristais", lembra a coreógrafa, pelo telefone, de sua casa em Paris.

— É a segunda vez que a senhora vai mostrar para platéia brasileira a coreografia 'Blue lady'. O número mudou alguma coisa?

— Não, quem mudou fui eu. Falando sério: é claro que mudanças, pequenas que sejam, acontecem num trabalho intuitivo como esse. Toda a vez que se executa uma performance *solo*, você nunca o faz da mesma maneira. Mas posso adiantar que são mudanças pouco significativas.

— Como a platéia brasileira se



Divulgação

Carolyn Carlson: "O espectador brasileiro vê o trabalho dos coreógrafos com o coração"

diferencia da européia e americana?

— A platéia brasileira é fantástica. Nunca esquecerei minha apresentação em São Paulo. Os brasileiros têm tanta paixão pela performance. Eles têm energia, são muito abertos a espetáculos dessa natureza. Os espectadores brasileiros vêem o trabalho do coreógrafo com o coração. É o que eu mais aprecio neles.

— 'Blue lady' é baseado num poema de sua autoria e que, posteriormente, foi musicado por seu marido, o compositor René Aubry. Como funciona esse processo de tradução de um poema em movimentos corporais?

— Esse tipo de criação é muito interessante, porque parte do princípio em que palavras e músicas resultam em movimentos harmônicos. Mas é difícil falar com exatidão sobre esse processo de transformação. Basicamente, René trouxe seu universo musical para as minhas idéias, dando um ótimo equilíbrio à coreografia.

— Há quem veja na senhora uma nova Isadora Duncan. O que acha desse tipo de comparação?

— Para mim é uma honra ser comparada a ela. O curioso é que o meu trabalho não se aproxima do dela. O estilo de Isadora está distante do meu. Talvez as pessoas digam isso por causa de algumas semelhanças entre nossas trajetórias: tanto eu quanto ela criamos coreografias-solo, gostamos de improvisar, de trabalhar a idéia de liberdade. Há também a imagem que temos de que somos meio que revolucionárias, personalidades excêntricas dentro do mundo da dança contemporânea.

— A senhora mora em Paris desde 1971. Porque uma californiana decidiu viver e trabalhar na França?

— Não foi uma decisão intencional, apenas aconteceu. Na época, recebi um convite para trabalhar no Ópera de Paris. Na França, o balé tem o apoio do governo, é um bom lugar para se criar uma família, então, aqui estou. Mas

vivo em função do destino. Morei em Veneza por quatro anos, período em que trabalhei no Teatro La Fenice, entre 1980 e 1985, por exemplo.

— Como coreógrafa, a senhora costuma tomar emprestadas referências de outras expressões artísticas, de outras culturas. Por causa dessa característica, os críticos costumam fazer paralelos de sua dança com o teatro de Robert Wilson. Até que ponto essas semelhanças existem?

— Na verdade, o trabalho de Bob me impressiona muito. Gosto do sentido de *timing*, do senso de uso do espaço corporal do trabalho dele. Mas a minha admiração por Bob não ficou apenas no nível platônico, não. Em 1988, dancei numa ópera-jazz criada por ele, chamada *Cosmopolitan greeting*, apresentada em Hamburgo, Alemanha. Foi uma experiência maravilhosa. Bob é uma das duas das minhas pessoas favoritas.

— E qual seria a outra?

— Pina Baush. Ela é única. Nós desenvolvemos trabalhos completamente diferentes. Mas ela é minha melhor amiga. Gosto das pessoas com sensibilidade.

— A senhora dirige uma companhia que agrega bailarinos das mais variadas etnias. Como ela funciona?

— A companhia é formada por 13 elementos, vindo dos países mais diferentes, que eu fui arregimentando ao longo de minhas apresentações fora da França. Trabalho com eles no Teatro de Ville, usando as referências culturais de cada bailarino. Se há algum brasileiro no grupo? Não, ainda não.

— A senhora conhece o trabalho de bailarinas brasileiras, como Ana Botafogo e Márcia Haydée? O que acha delas?

— Elas são clássicas. Não gosto de criticar ninguém, porque todas as pessoas têm um jeito único de desenvolver seu trabalho. Mas esse tipo de trabalho, particularmente, não me atrai. Sou muito excêntrica.